

Arquitetura Portuguesa de Autor: Aproximações à Arquitetura Popular

Teresa Madeira da Silva,
ISCTE-IUL / DINÂMIA'CET-IUL
teresa.madeira@iscte.pt

Resumo

O objetivo deste artigo é identificar os traços da arquitetura popular (a partir do Inquérito), na arquitetura erudita (de autor), na segunda metade do século XX a partir da análise de três obras de arquitetos portugueses projetadas e construídas nas décadas de 1950 e 1990 e da leitura do Inquérito à Arquitetura Regional Portuguesa (1955-1960). No seguimento do repto lançado por Leal (2011) acerca do diálogo entre o erudito e o popular partindo da arquitetura erudita, este texto apresenta três habitações unifamiliares onde é possível reconhecer raízes da arquitetura popular numa atitude que associa os princípios da arquitetura moderna e a tradição da arquitetura rural. Este artigo organiza-se em quatro partes: o corpo do texto que faz uma leitura dos casos de estudos e do Inquérito, antecedido de uma Introdução de modo a enquadrar o tema a tratar, seguido de uma Conclusão e de uma Bibliografia. O primeiro caso de estudo corresponde aquilo a que alguns autores designam por “segunda geração no Movimento Moderno” (Tostões, 1997: 40) e é uma obra realizada entre os anos 50 e 60 do século XX, fortemente marcada por um processo de reflexão e crítica a certas premissas do Movimento Moderno. Referimo-nos à **Casa Metelo** construída, no Banzão, em Sintra (1957/1959), e projetada pelos arquitetos Nuno Teotónio Pereira (1922) e Nuno Portas (1934). A **Casa em Moledo**, Caminha (1991/1997), do arquiteto Eduardo Souto de Moura (1952), e a **Casa Saraiva de Lima II** em Alcácer-do-Sal (1998/2001) projetada pelo arquiteto João Pedro Falcão de Campos (1961) são os dois outros exemplos escolhidos. Em todos eles encontramos traços comuns e reconhecíveis dos princípios da arquitetura popular apresentados no Inquérito.

Palavras-chave: Arquitetura Popular, Arquitetura Moderna, Fernando Távora, Nuno Teotónio Pereira, Souto de Moura.

Introdução

Este artigo parte do pressuposto aceite por vários investigadores que o Inquérito¹, foi se tornando “uma obra de referência para os arquitectos portugueses, sendo-lhe atribuído um papel importante no desenvolvimento da arquitectura portuguesa da segunda metade do século XX.” (Teixeira, p.156, 2013). O nosso objectivo é fazer uma análise da arquitectura de autor da segunda metade do século XX a partir de três habitações unifamiliares em confronto com os fundamentos da arquitectura popular apresentados no Inquérito. Neste sentido, interessa-nos refletir sobre os aspetos relacionados com “formas e expressões” (Inquérito, p. 93, 1988), ou seja, na linguagem de Keil do Amaral e da sua equipa, através de “uma análise sob o aspeto plástico” da arquitectura (Inquérito, p.93, 1988). A metodologia utilizada assenta assim na leitura dos casos de estudo escolhidos e do Inquérito através da recolha bibliográfica e iconográfica à luz de diferentes tópicos tais como: a forma de implantação dos edifícios e a sua relação com o terreno onde se implantam e com a orientação solar, a relação dos volumes, dos espaços e das superfícies, os efeitos de luz e sombra, a relação e a disposição entre os cheios e vazios, os materiais e os sistemas construtivos, etc. Não iremos, portanto, fazer uma leitura, nem do ponto de vista histórico, nem do ponto de vista conceptual (são muitos os contributos quer nacionais quer internacionais sobre a arquitectura popular a partir destas duas vertentes), vamos sim, fazer uma leitura entre os casos de estudos escolhidos – habitações unifamiliares construídas nas décadas de 1950 e 1990 e as soluções do ponto de vista funcional, construtivo e formal apresentadas no Inquérito.

A primeira obra que iremos apresentar marca um período de viragem no campo disciplinar da arquitectura em Portugal. É aceite que a partir da década de 1950 podemos encontrar um número significativo de propostas resultantes da aproximação aos valores da arquitectura vernacular, popular como forma de afirmação de uma entidade cultural (Fernandes (1996), Tostões (1997), Leal (2000; 2009, 2011), Teixeira (2013), Farias (2013), entre outros). É aceite igualmente que neste período, se assistem a certas mudanças de linguagem e de formas de construir através da percepção das virtudes e qualidades da arquitectura popular que resultaram numa nova sensibilidade em relação ao modo de leitura do lugar, do território, dos sistemas construtivos, e da utilização de materiais de construção. “Embora o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal tivesse exclusivamente objectivos de estudo da arquitectura popular e não pretendesse portanto definir – à semelhança da Casa Portuguesa – um programa estilístico, teve um impacto considerável na produção arquitectónica portuguesa da época, facilitando a abertura para novas formas de diálogo entre arquitectura moderna e arquitectura vernácula, (...)” (Leal, p. 8, 2009). A Casa Metelo de Nuno Teotónio Pereira² e Nuno Portas, a Casa em Moledo

1 “Entre 1955 e 1960 o então Sindicato Nacional dos Arquitectos levou a cabo uma pesquisa denominada Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa. Tratava-se de um levantamento sistemático da construção popular portuguesa, já então prestes a desaparecer, realizado de norte a sul do país. Dividido por regiões geográficas coube a diferentes equipas de arquitectos o estudo de uma área delimitada num total de seis zonas (Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve). A profunda mutação do território português e da sua construção que se vem sentindo desde então torna o material recolhido um espólio de valor incalculável e único. Deste Inquérito resultou a 1ª Edição do livro *Arquitectura Popular em Portugal* publicada em 1961, reeditada em 1980, 1988 e 2004.” In: *Ordem dos Arquitectos* (s.d.). Neste artigo designaremos por “Inquérito” a obra “*Arquitectura Popular em Portugal*”.

² Nuno Teotónio Pereira foi um dos arquitectos que participou no Inquérito fazendo parte da equipa da zona IV (Extremadura, Ribatejo e beira Litoral), juntamente com António Pinto de Freitas e Francisco Silva Dias.

de Souto de Moura e a Casa Saraiva de Lima II de João Pedro Falcão de Campos são, entre muitas outras que poderíamos incluir neste estudo³, proposta que poderão ir ao encontro da leitura que pretendemos fazer a partir do pressuposto inicial.

Casa Metelo na Praia das Maças⁴

A Casa Metelo, também conhecida como Casa na Praia das Maças (Portas e Pereira, 1963) foi projectada pelo arquitetos Nuno Teotónio Pereira (1922) e Nuno Portas (1934), entre 1958 e 1959. A casa, situa-se no Alto da Salada, no Banzão perto de Sintra no meio de um pinhal e implanta-se numa zona de duna com um desnível acentuado. “A construção, no interior do pinhal, estende-se adocçada à duna que atravessa longitudinalmente o terreno virado para a estrada tendo apenas uma discreta presença.” (Portas e Pereira, p.13, 1963). Pela maneira como se implanta no terreno, o edifício tem uma forma escalonada a partir de dois pisos – o piso onde se situa a entrada principal assenta na parte superior do terreno e o piso da zona de estar, na parte mais baixa do terreno, remetendo a forma de implantação para a relação com a topografia do terreno. A casa é formada por três volumes organizados de forma a criar uma zona exterior de recepção e de estar. A inflexão que se verifica na volumetria da casa, assim como o desenho da escada interior, têm igualmente a ver com a topografia do terreno, acompanhando, deste modo, o desenho das curvas de nível: “a escada, reproduzindo interiormente o movimento natural do terreno, liga os dois espaços parcialmente sobrepostos e ambos à entrada intermédia e ao corredor dos quartos, de novo sobre elevado” (Portas e Pereira, p.14, 1963), (Figs. 1 e 2).

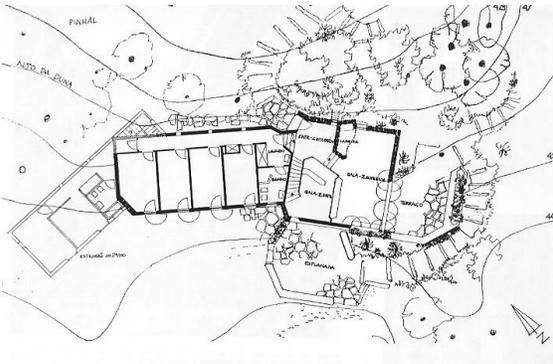


Figura 1 – Casa Metelo, Planta; Fonte: PORTAS, N., PEREIRA, N. Teotónio (1963). Habitação na Praia das Maças (1957-59), Sítio do Alto da Salada (projecto), *Arquitectura*, 79, pp. 11-14.

Figura 2 – Casa Metelo - Vista Geral. Fotografia: Inês Flores, 2006.

³ Por exemplo, a casa Dr. Ribeiro da Silva em Ofir (1956) de Fernando Távora, já analisada à luz da arquitetura popular por Hugo Farias (Farias, pp.537-552, 2001), a Casa Alves Costa (1971-1973), projectada por Siza Vieira e construída em Moledo do Minho. A Igreja de Águas (1949-1957), de Nuno Teotónio Pereira e Frederico George; ou a Pousada de Santa Bárbara (1955-1958), de Manuel Tainha.

⁴ A Casa Metelo ou Casa na Praia das Maças foi pela primeira vez publicada na revista *Arquitectura* em 1963 (Portas e Pereira, 1963).

No projeto original da casa⁵, no primeiro corpo, situam-se o acesso principal da casa a partir da zona superior do terreno e a escada de acesso a uma zona mais baixa onde se situam a sala e a zona de refeições com uma zona de duplo pé direito; no segundo corpo e no piso mais baixo, situam-se uma outra entrada a cozinha, os arrumos e uma área para o pessoal, no piso de cima ficam os quartos (quatro) e as instalações sanitárias; no terceiro corpo situam-se dois quartos e uma instalação sanitária em cada um dos pisos e uma escada de ligação entre os dois pisos.

“O gozar do sítio dividia-se naturalmente em dois níveis: o alto da duna e o terreno baixo suavemente inclinado. Por isso, a zona de estar dividir-se-ia também pelos dois níveis dos seus prolongamentos exterior a vida intensa de uma família numerosa e acolhedora de numerosos amigos.” (Portas e Pereira, p.13, 1963). O acesso à propriedade faz-se por uma passagem aberta num muro tosco de pedra que divide a propriedade da estrada em terra batida. Os acessos no interior da propriedade são dois caminhos de terra batida, revestidos de lajetas de pedra e desenhados pelos moradores da casa durante e após a construção (Portas e Pereira, 1963). Estes caminhos, de configuração linear, dão acesso às passagens para o interior da casa e foram pensados em função do terreno, da existências de enormes pinheiros e dos acessos da casa para o exterior. À casa acede-se por três portas principais, duas na parte de trás da casa e outra no topo poente. A relação da zona superior da casa com a parte mais baixa é organizada através de escadas e muros de pedra que resolvem o desnível acentuado onde a casa se implanta. A partir das zonas de estar do piso mais baixo é possível aceder ao interior da casa também através de envidraçados (janelas de sacada) que servem as zonas de estar. A chaminé da lareira revestida a pedra tem uma forte presença do exterior, dada a sua dimensão.

As paredes exteriores são, até ao nível do primeiro andar, de pedra local aparada. As do piso superior são rebocadas e caiadas com alguns elementos de betão pintados de cores diferentes. As portas e os caixilhos das janelas exteriores são em madeira maciça, envernizadas incluindo as portadas constituídas por régua fixas de madeira de pinho também envernizada. As coberturas são inclinadas de duas águas, com alguma complexidade resultantes dos 3 volumes que se interceptam, e revestidas a telha portuguesa à cor natural. A vegetação, maioritariamente pinheiros, constitui igualmente um elemento do revestimento da casa, dada a forma como se relaciona com esta. (Figs. 3 e 4).

⁵ Atualmente a casa encontra-se dividida em duas habitações independentes e é usada por duas famílias.



Figura 3 - Casa Metelo. Vista sobre a casa. Fotografia: Teresa Madeira da Silva, 2007.

Figura 4 - Casa Metelo. Vista sobre a fachada nordeste. Fotografia: Teresa Madeira da Silva, 2007.

Do que nos é dado observar, o modo como a casa se implanta no terreno, remete-nos para situações que encontramos na arquitetura popular. Tal como nos exemplos apresentados no Inquérito, verificamos que o conjunto foi pensado como que “adaptando os edifícios e os pequenos espaços livres adjacentes e murados ao parcelamento dos terrenos e à sua configuração e acidentes naturais; e deixando livres as ruas e os caminhos por onde todos têm que passar...” (AAVV, 2º vol., p.18, 1988). Assim, a casa adoça-se à duna adaptando-se ao perfil do terreno criando muros e escadas de acesso em pedra e onde a pedra se mistura com a vegetação rasteira. No topo do corpo da sala encontramos uma escada em pedra exterior de pedra que dá para um terraço que serve de zona de estar exterior semelhante à que encontramos na arquitetura popular - “as escadas exteriores de pedra; as varandas alpendradas...” (AAVV, 1º vol., p.27, 1988). Como na arquitetura popular, as relações que a casa estabelece com a envolvente prendem-se com as vistas, com a orientação solar, com os acessos e com a vegetação. As aberturas estão deste modo localizadas em pontos estratégicos, quer em relação a pontos de vista sobre a vegetação envolvente, quer em relação aos acessos. A fachada onde as aberturas são maiores é a fachada orientada a sul onde se situa a zona de estar exterior “esplanada”.

Ao observar este excerto retirado do Inquérito verificamos que o mesmo se aplica à casa na Praia das Maças: “solidamente erguida em alvenaria de pedra, os seus volumes cúbicos, rematados pelo telhado mourisco de telhas cuidadosamente argamassadas, nas povoações ou implantados nos campos, entre muros de pedra solta, são elementos humanizantes de uma paisagem equilibrada, que a proximidade da cidade ainda não destruiu.” (AAVV, 2º vol., p.219, 1988). Também a forma como a pedra é aplicada reforça a ideia de uma intencionalidade semelhante à apontada no Inquérito: “e as cantareiras praticadas nas paredes sem rigidez geométrica são, por vezes, peças de grande interesse decorativo.” (AAVV, 2º vol., p.99, 1988). (Figs. 5 e 6).



Figura 5 – Casa Metelo - Vista sobre a fachada sudeste. Fotografia: Inês Flores, 2006.

Figura 6 – Olela. St.ª Senhorinha de Basto. Habitação. Fonte: AAVV., 1º Vol., p. 87, 1988.

A forma como os volumes da casa se articulam remete-nos, mais uma vez para o Inquérito à semelhança das casas que se vão ampliando ao longo do tempo: “a ampliação da habitação faz-se organicamente pela adição de novas dependências no piso térreo.” (AAVV, 2º vol., p.219, 1988). A articulação do terraço e do volume da sala de estar faz-se à semelhança do Inquérito: “A articulação interior, quer se desenvolva num ou dois pavimentos, faz [se] sempre em volta da sala de entrada chamada ‘de fora’. No núcleo primitivo da solução térrea, a cozinha e o quarto dão imediatamente para esta dependência; na solução em dois pisos, uma escada conduz da sala para o quarto que se localiza no sobrado. (AAVV, 2º vol., p.219, 1988). (Figs. 7 e 8).

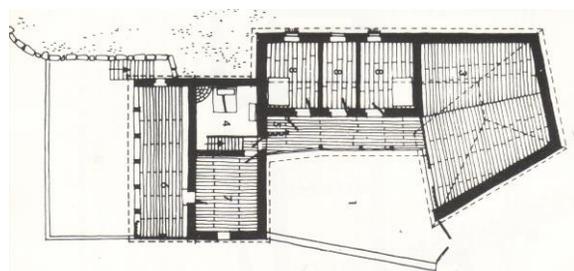
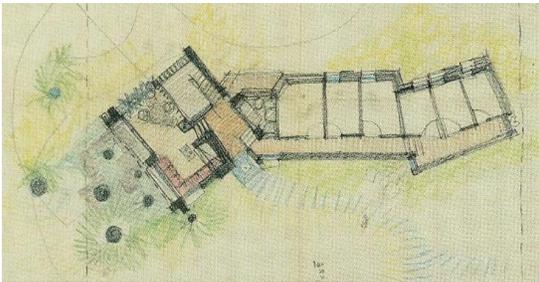


Figura 7 – Casa Metelo – Estudo. Grafite e lápis sobre esquiço; n/dat.; n/ass. Fonte: Tostões, p.179, 2004.

Figura 8 – Anta. Planta do 2º piso da casa da lavoura. Fonte: AAVV., 1º Vol., p.49, 1988.

A adaptação aos materiais e às formas de construir locais, quer pelo embasamento em pedra no piso inferior, quer pelo uso de telha à portuguesa em telhados com panos pouco inclinados dão-nos a sensação de que o edifício se agarra ao terreno à semelhança de algumas construções apresentadas no Inquérito. Os processos construtivos e materiais aproximam-se da arquitetura popular: os muros de pedra com uma certa largura semelhantes à forma de construir tradicional, o uso da madeira nas caixilharias exteriores e nas portas interiores, a forma como são resolvidas e revestidas as coberturas inclinadas de telha cerâmica de cor natural e a forma como a casa se encosta ao terreno, revelam a aproximação à arquitetura popular expressa no Inquérito.

Casa em Moledo

A casa em Moledo (1991- 1997) de Eduardo Souto de Moura (1952), situa-se em Moledo do Minho, perto de Caminha e desenvolve-se num só piso, a partir de uma planta retangular com duas fachadas envidraçadas (as de maior dimensão) e duas fachadas cegas (as de menor dimensão). A casa, de um só piso, está semi-enterrada e desenvolve-se entre a ruína existente e um muro de pedra⁶ formando um socalco; a fachada principal (virada a oeste), está voltada para a vista do vale e do mar enquanto a fachada de traz (voltada a leste), tira partido de um muro rochoso de granito, pré-existente que se situa no fundo da casa. Do exterior a única indicação de que o terreno foi alterado é a existência de uma parede de vidro entre a ruína e a parede do socalco, e a cobertura formada por uma laje assente sobre as empenas e o terreno como uma plataforma colocada à cota do terreno superior, de onde emergem as chaminés cuidadosamente desenhadas. (Figs.9 e 10).

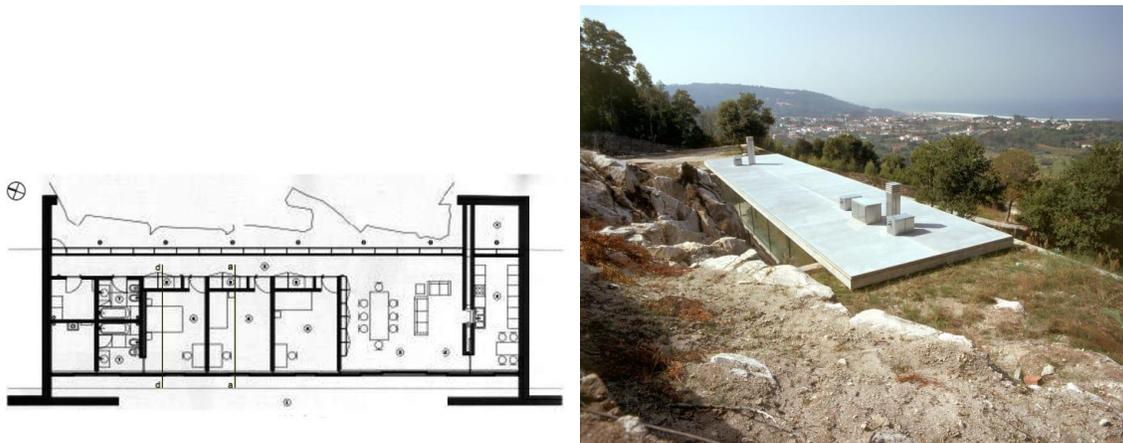


Figura 9 - Casa em Moledo. Planta. Fonte: <https://en.wikiarquitectura.com>

Figura 10 - Casa em Moledo. Vista sobre a casa e sobre o vale. Fotografia: Luis Ferreira Alves. Fonte: <https://divisare.com/projects/>

A cobertura vista de baixo dilui-se no terreno dada a sua reduzida espessura. A preocupação com a paisagem envolvente é-nos revelada, por um lado, através das vistas que se tem da sala e do corredor de acesso aos quartos e, por outro, pela forma como a casa se encaixa nos muros de pedra que a escondem e a articulam com o terreno envolvente. Apesar de ser uma construção nova na paisagem, a partir da reconstrução de um conjunto de elementos, podemos ter a leitura de que a casa surge da topografia do terreno. Este mantém o seu carácter uma vez que o terreno mantém as características topográficas pré-existent nomeadamente os muros de pedra em socalcos entre a vegetação pré-existente. A planta organiza-se a partir de um rectângulo onde, de forma linear, estão distribuídos, a cozinha (adjacente a um pátio), a sala, os três quartos, as

⁶ Segundo Ströher, “Além da descoberta dessa ‘pedra única’ e das consequências que ela trouxe para o projeto de Moledo, existe ainda um outro aspecto da construção que me parece importante ressaltar, citado no texto publicado pela revista Projeto (1999, p. 88/93): ‘Aterros, plataformas e muros de arrimo foram reconstruídos [...] para que a casa pudesse ser implantada, uma vez que o muro original era muito baixo.’ A recriação desse ‘muro original muito baixo,’ inserindo-o numa sequência de terraços e paredes de pedra, traz consigo algumas características de interpretação que são fundamentais à leitura do projeto. Inicialmente, a tão decantada associação com a ruína e, mais do que isso, com a própria natureza.” (Ströher, pp. 104-115, 2005).

instalações sanitárias e os arrumos. Junto à parede envidraçada voltada para a rocha, existe um corredor de distribuição que percorre a casa e permite o acesso a todos estes espaços. As paredes laterais cegas são de betão e constituídas de blocos de granito de forma irregular e as paredes longitudinais são fachadas de vidro, a principal com elementos de madeira à vista e a tardo com caixilhos em aço inox. A sala é limitada pelos dois envidraçados (com vista para o vale e para o mar e com vista para a parede de pedra) e lateralmente, de um lado, por um armário desenhado em madeira, e de outro por um muro de pedra da região colocada de forma irregular que incorpora a lareira. (Figs.11 e 12).



Figura 11 - Casa em Moledo. Vista sobre o corredor. Fonte: <https://divisare.com>.

Figura 12 - Casa em Moledo. Vista sobre a lareira. Fonte: <http://ofhouses.tumblr.com>.

Nenhum destes dois elementos – o armário e a parede da lareira (ambos de direcção perpendicular aos socalcos) toca no envidraçado frontal. Da leitura que fazemos da casa podemos reconhecer algumas semelhanças com o esquema apresentado no Inquérito, no modo simples de organização dos espaços: “As habitações apresentam geralmente um esquema muito simples, circunscrito a uma forma rectangular, e desenvolvendo-se num único piso, (...). Interiormente, a casa reserva nos exemplos mais elementares, a zona que se abre à rua ou à praia para sala de fora, e a cozinha com ligação com a varanda ou com os quartos que se abrem para o lado oposto.” (AAVV. 2º vol., p.214, 1988). (Figs.13 e 14).

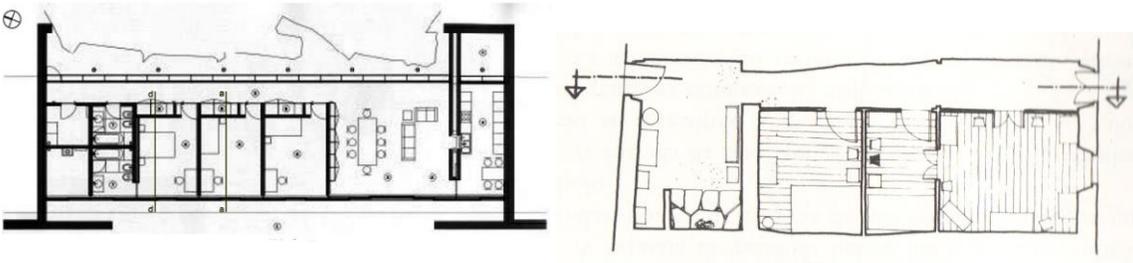


Figura 13 – Casa em Moledo. Planta. Fonte: <https://pt.pinterest.com>.

Figura 14 – Habitação. Planta; Fonte: AAVV, 3º vol., p.62, 1988.

A simplicidade do desenho em planta e o emprego da pedra nos seus projetos é um dos aspectos que aproxima esta casa à arquitetura popular. “...as habitações construídas de tijolo, tufo ou adobe, desenvolvem-se sempre num único piso, segundo um esquema muito simples - divisões em sucessão e comunicando entre si –, implicando a característica planta dentro de um rectângulo alongado” (Inquérito - 2º vol., p. 219, 1988). À semelhança do que vem referido no Inquérito, “o largo emprego da pedra – granito ou xisto – (...); as casa de planta rectangular, embora sem grande regularidade...” (Inquérito - 1º vol., p.27, 1988), são aspectos que aproximam a casa da estética da arquitetura popular. (Figs.15 e 16).

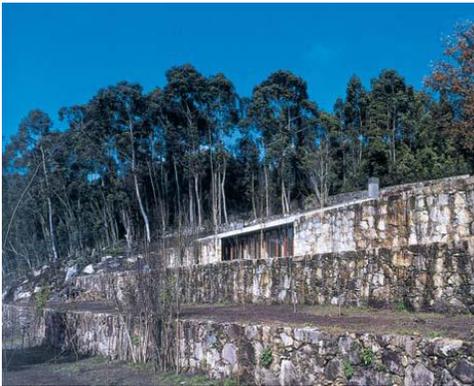


Figura 15 - Casa em Moledo – Vista dos socalcos. Fonte: <https://spar487design2.wordpress.com>

Figura 16 - Linhares. Fonte: AAVV., 2º vol, p.63, 1988.

“Do construtor rural recebemos o legado do seu engenho e da economia das suas soluções, admiráveis pela sinceridade formal, a coerência entre a construção e o ambiente que o rodeia, a natural compreensão dos valores espaciais e a sua tradução em situações variadas e de elevado sentido estético, em suma, a mensagem de uma verdadeira superação, natural e harmónica, das necessidades materiais” (Inquérito - 2º vol., p.221, 1988). Apesar da utilização de tecnologia actual (como a aplicação de isolamentos térmicos nas paredes, o uso de aço inox em caixilharias, etc.) permitindo níveis de conforto especiais, podemos dizer que através da forma com a casa se relaciona com a paisagem (como um abrigo encrustado na rocha e em contacto com a natureza) nos remete para a arquitetura popular. Instalada numa zona alta do terreno, de planta rectangular e distribuição ortogonal, encaixada entre muros de pedra e sendo a parte mais visível de intervenção o arranjo de um conjunto de socalcos, esta casa obedece à matriz popular no que toca à relevância dada às características do terreno e ao contexto onde se situa a obra. A simplicidade formal e a materialidade reforçam a leitura que fazemos de aproximação à arquitetura popular.

Casa Dr. Saraiva de Lima

A casa Dr. Saraiva de Lima (1998-2001), situada em Santa Catarina, nas proximidades de Alcácer do Sal projectada por João Pedro Falcão de Campos (1961), está implantada numa zona sobre-elevada do terreno, entre enormes pinheiros e bastantes sobreiros. A organização do conjunto, de forma quadrangular, é marcado por caminhos, muros e por uma zona de pátio que separa a zona da casa da zona da piscina situada um

pouco distante da casa de modo a aproveitar a vista a sul e ao mesmo tempo criando um pátio central. “Percursos pavimentados circundam a casa e acedem à piscina, que se afasta e procura a vista a sul. Entre ambas uma zona relvada.” (Neves, p.97, 2002). “A casa nasce de um quadrilátero, formando uma cobertura plana” (Neves, p.94, 2002) e desenvolve-se horizontalmente em dois pisos num terreno com um certo desnível que permitiu a construção de um semi-piso autónomo. Comporta no piso superior, uma sala comum, três quartos, cozinha, instalações sanitárias, zonas técnicas e arrumos. No piso de baixo, decorrente do aproveitamento do desnível a sul, existe uma sala de jogos, um quarto e uma casa de banho de apoio. Junto da entrada existe uma zona coberta formando um alpendre que protege a casa a sul. A toda a volta da casa a cobertura perlonga-se alguns centímetros para fora da linha da parede constituindo um elemento de protecção das fachadas em relação ao sol e da chuva. (Figs.17 e 18).

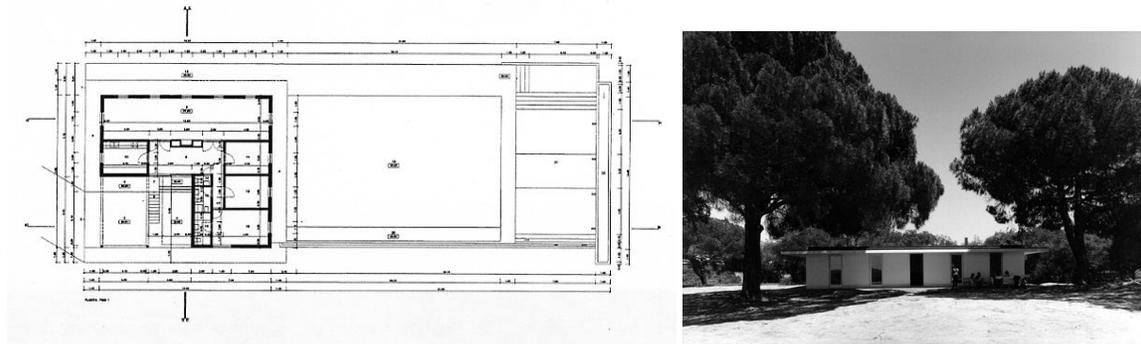


Figura 17 – Casa Saraiva de Lima. Planta do 2º piso. Fonte: Neves, p. 98, 2002.

Figura 18 – Casa Saraiva de Lima. Vista frontal. Fonte: Neves, p.99, 2002.

Os materiais utilizados são: “estrutura de betão armado; tijolo; reboco; azulejo e cal nas paredes; pedra e tijoleira nos pavimentos; madeira pintada nos vãos. (Neves, p.97, 2002). Os vãos são ritmados e marcados na vertical. O seu alinhamento permite que se verifique uma transparência entre um lado e o outro da casa, através de enfiamentos visuais e mais uma vez o exterior é trazido para o interior. Neste caso, dado o clima da região, a casa não é demasiado aberta para o exterior. Como em muitas construções populares também este conjunto remete para um tipo de organização referenciado no Inquérito: “de uma forma geral em toda a extensão da zona, as habitações são de composição simples e de um só piso; a chaminé nem sempre é utilizada, os estábulos, os galinheiros, as pocilgas, os fornos, etc. acompanham a habitação ou ‘monte’ e ficam-lhe adocados, ou por vezes, agrupados e dela distintos” (AAVV, 3º vol., p.191, 1988). A ortogonalidade, a horizontalidade dos volumes e a forma como a casa assenta no terreno remete-nos para a relato apresentado no Inquérito: “a simplicidade de volumes e das composições salta à vista, bem como o geometrismo elementar das articulações das massas construtivas e dos elementos que as definem, completam ou valorizam. Robustos, sólidos e sem desvaneios, os edificios assentam pesadamente na terra. (...). De proporções modestas, dominantes horizontais, disciplinada e sem arrogância (...) ... os volumes, a modulação, as proporções, a horizontalidade, permanecem sem grandes alterações ” (AAVV, 2º vol., p.116, 1988). (Figs.19 e 20).



Figura 19 – Casa Saraiva de Lima. Alçado frontal. Fonte: Neves, p.99, 2002.

Figura 20 – Alcaria Ruiva. Fonte: AAVV, 3º vol., p.118, 1988.

Também a relação entre os vãos exteriores e os panos de paredes associados ao clima da região remetem-nos para a composição de cariz popular: “outro aspecto a acentuar é o hermetismo das edificações. Do absoluto predomínio das paredes sobre os vãos.... Imposições de ordem técnica, climatérica e económica encontram-se na base dessas soluções fechadas, maciças, que um nível primevo de existência e de concepção fizeram perdurar.” (AAVV, 2º vol., p.118, 1988). A mesma associação pode fazer-se em relação ao jogo de luz e sombra resultante dos cheios e vazios: “...o contraponto de grande superfície branca com o negro incisivo das pequenas aberturas, o gosto pelo jogo dos volumes simbólicos sob a luz, a penetrante síntese estética, a apurada sobriedade que conduz a uma superação plástica eivada da mais genuína monumentalidade.” (AAVV, 2º vol, p.225, 1988). Numa outra ocasião, “cremos bem, de resto, que de um modo geral (embora mais acentuado no interior do País) as características apontadas são típicas da arquitetura portuguesa. A sobriedade, a horizontalidade e o hermetismo caracterizam, com efeito, as edificações típicas de regiões mais vastas do que as da Zona em estudo.” (AAVV, 2º vol., p.118, 1988). A zona de alpendre da casa remete para o descritivo da zona 4 do Inquérito quando refere que “os Invernos temperados, com dias soalheiros, e os Estios quentes, influenciam o carácter dos espaços exterior contíguo à habitação que, pela criação dum alpendre ou de uma varanda alpendrada, constitui zona de transição climática entre o ambiente tórrido e o interior fresco. Geralmente orientados para sul, os alpendres oferecem no inverno excelentes logradouros, bem isolados e abrigados do vento nordeste. Por estar de certo modo ligado à recepção, o alpendre adquire muitas vezes grande valor plástico, quer pela cuidadosa composição dos seus elementos, quer pela escolha criteriosa dos materiais empregados.” (AAVV, - 2º vol., p.163, 1988). (Figs. 21 e 22).



Figura 21 – Casa Saraiva de Lima. Alpendre. Fonte: Neves, p.95, 2002.



Figura 22 – Beja, Monte da Diabrória. Alpendre. Fonte: AAVV, 3º vol., p.109, 1988.

Tanto a horizontalidade que nos é dada pela volumetria, como a disposição dos vãos, como a forma de organização do conjunto, lembram-nos muitas das construções de cariz popular existentes no país. Os valores regionais da arquitectura popular são reinterpretados e aplicados à arquitectura desta casa, de forma simples, austera e económica. Podemos dizer que, a casa se expressa, por um lado, através de volumes neutros que actuam na paisagem isoladamente como arquétipos quase transportáveis⁷, no entanto, ela assume elementos formais que encontramos claramente na arquitectura popular da região.

Conclusão

Numa primeira leitura das obras em estudo, é possível entender que existe um conjunto de características comuns na forma como os edifícios se implantam, na relação que estabelecem com a envolvente e no modo como são interpretadas as particularidades do local. Se observarmos os exemplos seleccionados, verificamos que os pressupostos que estão na base das relações que se estabelecem com a topografia do terreno, as construções envolventes, os ventos dominantes, o movimento do sol, os acesso e os percursos, a luz, as vistas, etc., constituem valores expressivos e reconhecíveis na forma como são construídos as obras em referência e as apresentadas e citadas a partir do Inquérito. Dos exemplos escolhidos observa-se, numa primeira leitura, a contextualização dos modelos no sítio - a dissolução do objecto na paisagem. O lugar é o ponto de partida para a forma. Aqui trata-se de obras que, embora autónomas, reinterpretam a condição do lugar. As qualidades do espaço interior assim como as formas, as cores, as texturas, as entradas de luz natural, advêm das pré-existências ambientais e naturais. As construções adaptam-se à topografia do terreno ou através de pisos semi-enterrados (Casa Metelo, Casa Saraiva de Lima, Casa em Moledo) ou através da articulação de vários corpos distintos (Casa Metelo), e neste sentido há uma valorização do lugar pré-existente e uma aproximação às raízes da arquitectura popular portuguesa. Em todos os casos estamos perante uma arquitetura de formas sóbrias, com uma geometria elementar rectilínea, acentuando a horizontalidade, podemos verificar uma tendência à simplificação formal, onde os elementos decorativos e simbólicos são praticamente inexistentes, verifica-se em quase todos os casos uma tendência para a abstração, para a simplificação das formas e para a maneira como as mesmas se articulam. Usando os tópicos utilizados por Montaner, reconhecemos que “a forma do lote, a topografia, as vistas (...), a orientação, as árvores pré-existentes e o programa doméstico” (Montaner, p.18, 2001) acabam por configurar cada uma destas obras. Os exemplos escolhidos são exemplos paradigmáticos que vão ao encontro dos nossos pressupostos. O uso dos materiais da zona (cal ou reboco pintado a branco, tijoleira, pedra da região, madeira, azulejo, etc.) é recorrente. Fachadas muito abertas para espaços de estar ou de contemplar, fachadas muito fechadas para outras envolventes são situações que encontramos nestas três obras e na arquitetura popular. Apesar de reconhecermos que este artigo é um ponto de partida de uma investigação que se pretende mais aprofundada, podemos concluir, desta primeira leitura, que, em todas as

⁷ Ver Josep Maria Montaner - caracterização da arquitetura de final do Século XX in. Montaner, Josep Maria – **A Modernidade Superada**, Barcelona: G.G. 2001, p. 38.

obras se verifica uma tendência inicial para absorver as influências internacionais mas, incorporando-as e trabalhando-as de uma forma crítica, de acordo com as especificidades da cultura portuguesa, quer nas suas formas e linguagens quer, sobretudo, nos seus valores plásticos.

Bibliografia

AAVV. [1961] - **Arquitectura Popular em Portugal**, 1º, 2º e 3º volume Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1988.

AAVV. - [Revista] **Architéti** nº 21; “6 casa: houses”, (AnoV- Nov/Dez/Jan) pp. 22 a 27.

AAVV. - [revista] **2G**, nº 20, (Abr. 2001), p. 48-53.

ORDEM DOS ARQUITETOS - **OA PIX**. Disponível em: <http://www.oapix.org.pt/100000/1/3161,01,11/index.htm> (s.d).

CAMPOS, João Pedro Falcão de - Casa Saraiva de Lima. **2G**, nº 20, (Abr. 2001), p. 48-53.

FARIAS, Hugo José Abranches Teixeira Lopes - **Modernidade e Tradição: Casa de Ofir, de Távora e a Casa de Vila Viçosa, de Portas e Teotónio Pereira, como Obras Primogénitas da Arquitectura Portuguesa, na Transição da Década de Cinquenta para Sessenta do Século XX**. Atas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, (2013), pp. 537-552.

FERNADES, José Manuel – **Cidades e Casas da Macaronésia**. Porto: FAUP, Publicações, 1996.

FIGUEIREDO, Ricardo - **Nos 50 anos da publicação de "Arquitectura Popular em Portugal**. (2011). Disponível em: <http://doportoenaoso.blogspot.pt/2011/03/nos-50-anos-da-publicacao-de-popular-em.html>

Acesso: Setembro 2016

LEAL, João - **Etnografias Portuguesas (1870-1970) Cultura Popular e Identidade Nacional**. Lisboa: Publicações D. Quixote, 2000.

LEAL, João - **Arquitectos, Engenheiros, Antropólogos. Estudos sobre Arquitectura Popular no Século XX Português**, Porto: Fundação Marques da Silva, 2009.

LEAL, João - Entre o vernáculo e o híbrido: a partir do inquérito à arquitectura popular em Portugal. **Revista Joelho #02** Editorial do Departamento de Arquitectura, 2011.

LOPES, Daniel de Castro - “Notas Sobre Alguns Arquitectos Portugueses”, **2G: Revista Internacional de Arquitectura**, 20, pp. 11-12, 2001.

MONTANER, Josep Maria – **A Modernidade Superada**, Barcelona: G.G. 2001, p. 38.

MOURA, Eduardo Souto de - Casa em Moledo. In [Revista] **2G Revista Internacional de Arquitectura**, (1998), pp. 44-51.

MOURA, Eduardo Souto de - “A Poética da Materialidade” (entrevista), **Arquitectura e Vida**, 19, (2001), pp. 24-31.

MOURA, Eduardo Souto de, “La Naturalid de las Cosas” (entrevista), **El Croquis**, 124, (2005), pp. 6-18.

OLLERO, Rodrigo - **E depois do Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa? Carta a Raul Lino**. Revista Arquitectura Lusíada, n. 1, (2.º semestre 2010), p.39-52.

NEVES, José Manuel das (coord.) - **Casas + interiores Sul. Houses + Interiors South**. Lisboa: edições ASA, (2002), pp. 96-101.

PEREIRA, Nuno Teotónio - “A Arquitectura dos Anos 50 em Portugal”, **Arquitectura**,

148, (1983), pp. 58-61.

PEREIRA, Nuno Teotónio, FERNANDES, José Manuel - “A Arquitectura do Estado Novo de 1926 a 1959”, **Colóquio sobre o Estado Novo: Das Origens ao Fim da Autarquia, 1926-1959**, texto policopiado, Lisboa: Comissão Organizadora do Colóquio Sobre o Estado Novo, 1986.

PEREIRA, Nuno Teotónio - **Escritos (1947-1996, selecção)**, Porto: FAUP Publicações, 1996.

PORTAS, Nuno, PEREIRA, Nuno Teotónio - “Habitação na Praia das Maças (1957-59), Sítio do Alto da Salada” (projecto), **Arquitectura**, 79, 1963, pp. 11-14.

PORTAS, Nuno, [1977] - “A Evolução da Arquitectura Moderna em Portugal: uma Interpretação”, ZEVI, Bruno (ed.), **História da Arquitectura Moderna**, vol. 2, Lisboa: Arcádia, 1993, pp. 687-744.

STRÖHER, Ronaldo de Azambuja - Casas do Norte de Eduardo Souto de Moura, **Arqtexto** 6, (2005), pp. 104-115.

TEIXEIRA, Manuel C. - **Popular, Tradicional, Regional, Português, Nacional**. Atas do Colóquio Internacional Arquitectura Popular. Arcos de Valdevez: Casa das Artes, (2013), pp. 153-163.

TOSTÕES, Ana - **Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50**. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1997.

TOSTÕES, Ana (coord.) - Casa Metelo. **Arquitetura e Cidadania. Ateleir Nuno Teotónio Pereira**. Lisboa: Quimera editores, 2004, pp.178-181.